

# A igualdade na morte

RAUL PILLA

**M**MORREU Eva Perón. Quem não sentirá confranger-se o coração, ante a morte de uma criatura humana? Choremos, pois, Eva Perón, choremos a dama que morre no fastígio do poder e ainda no esplendor da mocidade. Mas choremos também por tôdas aquelas vidas, obscuras umas, preclaras outras, que a ditadura do marido levou ao desespero, quando não também à morte.

Choremos Eva Perón, que ela bem pode ser chorada. E tiremos dos seus padecimentos a grande, a divina lição, que eu quisera ver gravada no espírito e, sobretudo, no coração de quantos, em nosso país, exercem o poder. Perón e sua espôsa dispunham de tudo na República Argentina: da liberdade, do trabalho, dos bens, da vida dos seus concidadãos, que melhor se chamariam súditos. Não desejo incidir em sacrilégio, mas me parece que até de Deus pretenderam dispôr, através de seus ministros na terra. E que vimos nós? O ditador todopoderoso tão impotente, ante a doença da criatura que êle quisera ver divinizada, como impotentes somos nós, os outros pobres mortais ante os decretos inapeláveis do Destino.

Embora nem sempre lhe possamos compreender a justiça, a verdade é que, diante de Deus, não há ricos, nem pobres, não há senhores, nem escravos. Esta é a grande lição que os padecimentos e a morte de Eva Perón ministram a todos os potentados. Compreendê-la-á o ditador argentino?